

## **LEOPOLDINA**

*ópera em 3 atos*

Libreto de Gerson Valle  
Música de Jorge Antunes

### **ABERTURA (PRELÚDIO)**

#### **I ATO**

Abre o pano, passando ao ritmo de valsa, com pessoas dançando na festa oferecida em 26 de maio de 1817, num palácio em Viena, pelo governo português para comemorar o casamento (por procuração) da Arquiduquesa Princesa Leopoldina Habsburgo com o Príncipe D. Pedro de Bragança. Um véu separa os dançarinos, com a pequena orquestra daquela época tocando uma valsa, do procurador português, Marquês de Marialva, que conversa (falas em cima da valsa que prossegue ao fundo) com a Arquiduquesa Leopoldina.

MARQUÊS DE MARIALVA -

Como é bela a nova dança  
da terra de Vossa Alteza.  
A valsa traz esperança,  
à Europa mais beleza.

PRINCESA LEOPOLDINA -

Há três anos que Viena  
rodopia em três por quatro.  
Num Congresso a Europa plena  
retomou o seu teatro.

MARQUÊS DE MARIALVA -

Bonaparte e sua cena  
varridos do nosso mapa.  
No Congresso de Viena  
voltou-se à antiga etapa,  
Aos poderes de outros tempos  
antes da Revolução.  
Deus nos concedeu os reis  
no peso da tradição.  
E vós rainha sereis  
do Reino de Portugal.  
De novo, no entanto, a valsa,  
cresceu junto ao Congresso,  
e ao mundo todo ela se alça  
de Viena o seu sucesso!

PRINCESA LEOPOLDINA -

Mas, caro nobre Marquês,  
prefiro que conversemos  
sobre o mundo português,  
longe do que aqui nós vemos.

MARQUÊS DE MARIALVA -

Sim, como Procurador  
para o vosso casamento,  
atesto a muita riqueza  
das terras dos portugueses  
no presente que vos dou.

(Entrega-lhe joias com diamantes:)

Vosso noivo, em seu portento,  
acompanha Vossa Alteza  
por ciências, novas teses...

PRINCESA LEOPOLDINA - Soube que ele é também músico...

MARQUÊS DE MARIALVA - (*Inventando:*) Estuda até Biologia!

PRINCESA LEOPOLDINA - (*Surpresa:*) Como eu, até Biologia?  
(*Mentindo para impressionar:*)  
Um príncipe geocientista!  
(*Olhando o medalhão com o retrato de D. Pedro:*)  
E lindo, e sábio, e artista!...

(Entusiasmada, a Princesa Leopoldina dá a mão ao Marquês de Marialva, saindo com ele valsando, passando pelo véu que se levanta, atingindo o resto dos dançarinos, se perdendo em meio deles, enquanto todos vão sendo substituídos em cena por um grupo de negros acorrentados de escravos dançando semidespidos um lundu. Na dança fazem reverência a supostos senhores)

LETRA DO LUNDU – Se inclina, povo, se inclina  
ante a graça e ante o poder  
da princesa Leopoldina.

HISTORIADOR (*Entrando junto com a cenógrafa da Escola de Samba Unidos dos Sambaquis, o compositor e o letrista da mesma Escola:*)

Talvez assim se possa dizer  
de todo o passado de nossa História.  
Se não usarmos de imagens figuradas  
o samba não atinge o realismo.  
Verdade, verdade mesmo,  
era o lundu o antecessor do samba,  
e o negro não via, antes da alforria,  
outro senhor que o que lhe batia.  
Assim, a educada arquiduquesa da Áustria  
era igual à sinhazinha das conversas de cozinha...

COMPOSITOR – (*Passando o ritmo de lundu a samba:*)

Mas agora é de samba o nosso tempo,  
e o samba tem que dar a imagem certa  
do passado de nossa História,  
para o povo viver sua glória...

LETRISTA – Diga lá,  
historiador Arnaldo Miranda,  
como era mesmo vista  
a sina da rainha Leopoldina.

HISTORIADOR – Pra contar toda sua vida  
muita cena há de ser lembrada.  
Começar por onde?  
Aonde termina?

CENÓGRAFA – Eu quero que termine  
com todo o público sambando,  
e nossa Escola ganhando  
o primeiro prêmio do desfile!

(Os quatro se juntando aos negros sambando:)

Se inclina, povo, se inclina,  
ante a passagem da Escola.  
Vamos cantar Leopoldina  
há dois séculos de um grito  
que cortou a nossa História.  
Louvemos sua memória!

(Enquanto todos vão saindo pelos fundos, sempre dançando entre lundu e samba, entram a princesa Leopoldina e sua irmã ex-imperatriz da França, Maria Luíza, em Veneza, dia 9 de junho de 1817. A música se suaviza, passando do samba para sons eletroacústicos que lembram água, com vozes femininas em vocalize).

ÁRIA DE LEOPOLDINA (*Barcarola, com coro feminino ao fundo em vocalize expressando a ideia de água*)

Querida irmã Luiza,  
eu nunca vira o mar  
antes de chegar a Veneza.  
Começo aqui a mudar  
minha vida de princesa  
que Viena interioriza.  
Amplo mar, velhos palácios,  
belos frontais nos canais,  
barcarolas dos sinais,  
meu futuro por prefácios...  
Muda toda a natureza  
e eu me caso com a beleza!  
E aqui, nesta Itália linda,  
espero pelo navio  
que me levará ao Rio  
onde me espera meu príncipe.

MARIA LUÍZA - Como água em torno das ilhas,  
assim somos as princesas,  
nos canais encaminhadas  
pelo poder das famílias.

LEOPOLDINA - Senti por ti, querida irmã,  
ao teres de casar com o inimigo  
Bonaparte, parte horrenda,  
monstro da revolução  
que matou tia-avó Antonieta.  
Teu pesadelo agora teve fim,  
restando no entanto o bem que tens no teu filho,  
rei de Roma e de outros tempos...  
Hás de ser feliz,  
como a Áustria sempre quis.  
E eu me caso com um músico,  
príncipe de Portugal,  
que além de lindo,  
trás consigo a entrada  
no comércio com a Inglaterra  
e relações com a América sonhada,  
levando nossa pátria a lugares  
dantes nunca pensados.  
Trago um novo percurso  
para os Habsburgos no mundo!

MARIA LUIZA - Nossas missões de princesas  
vão além dos nossos sentimentos,  
superam as relações comuns.

(ÁRIA DE MARIA LUIZA)

Quando Bonaparte invadiu  
pela primeira vez Viena,  
os Habsburgos todos  
espantamos um boneco  
figurando seu aspecto,  
o demônio, anticristo!  
Nós choramos por tudo isto.  
Fugimos de lá,

de nosso lugar,  
e ele habitou nosso palácio em Shönbrunn.  
A segunda vez  
que a besta do Apocalipse  
entrou por nossa Viena,  
tivemos de compactuar,  
e eu larguei meu ódio ao corso,  
para com ele me casar.  
Obedeci obrigações sagradas  
da política de Estado.  
Mais que um príncipe português bonito  
tu agora tens de servir nosso pai,  
imperador Francisco Primeiro,  
ouvindo seu ministro Metternich  
sem se importar com costumes  
de uma terra primitiva,  
com o calor e os mosquitos,  
florestas fechadas com feras, índios,  
pequenas cidades insalubres,  
negros escravos maltratados, nus.  
Que estes costumes não te sejam tão nefastos,  
mas que faças trazerem  
maior glória e poder  
à nossa civilização!

(Ouve-se um batuque, entrando em cena, com a retirada das duas irmãs, atabaques e outros instrumentos de percussão, tocados pelos negros que também dançam, e mais a cenógrafa, o historiador, o compositor e o letrista:)

CORO –                   Já se vão abrindo os campos,  
                                 Já se vão por serras, rios, mares...  
                                 Já se vão independentes  
                                 Nossos governos de tropicálias,  
                                 Nossos azares e colares,  
                                 E muitos mais carnavais...

HISTORIADOR–           Já nosso poeta avista  
                                 a metáfora do artista.  
                                 Mas o público não atina  
                                 na história da Leopoldina.  
                                 Antes da independência,  
                                 é preciso ter ciência  
                                 da mudança para o Rio,  
                                 e sua vivência aqui.

LETRISTA –               Acho que o público sabe  
                                 que o rei português fugiu  
                                 para o Rio de Janeiro  
                                 quando Bonaparte instituiu  
                                 bloqueio no continente inteiro  
                                 a tudo da Inglaterra.

(Uma PANTOMIMA se desenvolve por parte de Leopoldina, dom Pedro e outros que entram no palco, acompanhando a descrição do Historiador, enquanto os negros fazem a música de fundo com seus instrumentos de percussão em ritmos diversos e cantarolando em vocalizes, desenvolvendo uma coreografia descriptiva da narrativa seguinte:)

HISTORIADOR –           Mas, é preciso entender  
                                 a nova vivência da arquiduquesa.  
                                 ando seu navio adentrou  
                                 a baía de Guanabara  
                                 avistando paisagem rara,  
                                 abraça-a a família real

do reino Brasil-Portugal.  
Há muita festa em toda parte.  
E em toda parte faz-se arte.  
Há lua de mel no palácio,  
em passeios pelas florestas,  
riso fácil, muitas festas,  
caminhadas e cavalgadas,  
mesmo que entre negros sofridos,  
gente mal vestida e fedida,  
orgulhos de pouco saber,  
e em seu Pedro comece a aparecer  
uma que outra ofensa, desavença...  
Por que ele insiste que ela vá  
à casa de certos franceses?  
Acaba sabendo que lá  
Pedro ainda se encontrava  
com uma atriz que ele amava  
e que ficou prenha dele.  
Seu sogro, o rei que ela quer bem,  
Compra pra atriz um português  
com emprego em terra distante  
e assim afasta aquela amante...  
Leopoldina deixa de ser  
a menina que sonha e ri.

LEOPOLDINA – (escrevendo:)

"Pai querido, mana Luísa,  
meu caráter, que foi risonho,  
sofre com as coisas daqui.  
Não dou mais aquelas risadas,  
como fazia aí na minha pátria!"  
Mas, vejo-me em contradição.  
Continuo amando meu Pedro,  
e deste povo primitivo  
quero fazer uma nação!  
Educado numa corte de animais,  
cercado por muito pouco urbanismo  
Pedro se afirma em seu machismo,  
alternando na ternura comigo  
de nossos duos musicais.  
E minha missão, que prossegue,  
não me deixa nunca perdida:  
acompanho toda a política,  
e estou esperançosa, grávida!  
De mim sairão príncipes e princesas  
que hei de educar  
para uma nova nação!"

(A orquestra retoma o Prelúdio do classicismo vienense, continuando, em contraste, a percussão com ritmos diversos, e sons eletrônicos. Pano)

## II ATO

(AURORA DE UM PAÍS TROPICAL – Intermezzo – Começa a clarear o dia. D. Pedro sozinho em cena)

D. PEDRO –

Da madrugada dos sonhos  
sai o sol das melodias,  
abrindo-se no horizonte  
indômitos novos dias.  
Em mim cresce a impressão  
de tudo no mundo ser  
música para nascer.

Em meu corpo toma forma  
meu estilo de poder.  
Posso tudo que desejo,  
vejo a musa na mulher,  
sou cercado pelo encanto,  
na ânsia interna vou voar.  
E levar, a todo canto,  
meu fôlego forte, fácil  
de tudo amar nesta terra,  
e, fora, entrar nas esferas.

(*Sai dom Pedro, trotando como se estivesse montado num cavalo, empunhando uma espada, como uma criança brincando de duelo. Entra o Historiador*)

HISTORIADOR –

Brinca, brinca, jovem príncipe  
dos trópicos cheios de sol  
subindo pelos dias claros  
nas serras, praias, florestas  
e deslumbrantes mulheres...  
Tudo em ti se ergue fácil,  
e o mundo se entrega a ti.  
Quem pode negar que o homem  
tão sensível e dominante  
não possa gozar de tudo  
que lhe chega a todo instante?  
Por acaso ele é culpado  
de tanta facilidade,  
de tanta felicidade?  
Hoje lhe chamam machista.  
Vamos mesmo reeducá-lo?  
Mas, como condenar o que é passado  
quando o mundo era muito mais ingênuo  
e ele até mantinha traços de artista?

(*Entra Leopoldina, desenvolvendo mímica de acordo com a descrição do Historiador:*)

HISTORIADOR –

As ordens vinham das Cortes  
pós-revolução do Porto:  
Mandavam o rei dom João  
retornar a Portugal,  
jurando a Constituição.  
Leopoldina se anima.

LEOPOLDINA -

Querida irmã Maria Luísa,  
Vamos de volta à Europa,  
pondo fim a meu exílio!

HISTORIADOR -

Mas logo as Cortes se contradizem,  
indo o rei somente embora.  
E no Rio fica o príncipe  
com sua nobre senhora.  
Dom João volta a Lisboa.

(*Leopoldina acena, dando adeus*)

O Brasil que ele provera  
de uma instituição financeira,  
leva com sua pessoa,  
no bolso com nosso dinheiro.

(*Leopoldina faz com a mão o gesto representativo de quem rouba, pondo em seguida o dinheiro no bolso*)

(*Entra José Bonifácio, dirigindo-se à Leopoldina. Palácio da Quinta da Boa Vista*)

JOSÉ BONIFÁCIO – Alteza real!  
Venho de anos em terras europeias,  
muito pensei, muito estudei,  
sempre voltado ao nosso grande Brasil!

LEOPOLDINA - Sim, ministro José Bonifácio,  
encanta-me seu beneplácito  
de me unir a seu ideal  
e poder dizer NOSSO o grande Brasil!  
Desde que meu Pedro decidiu  
não seguir o pedido das Cortes  
de abandonar o Brasil à sua sorte.....

(Entra D. Pedro)

D. PEDRO – Se é para o bem de todos,  
e felicidade geral da Nação

OS TRÊS - .... diga ao povo que fico!

LEOPOLDINA - Após tão forte decisão,  
vi que a mim cabe ficar aqui.  
Não mais existe minha infância europeia!  
Daqui me nasce nova ideia!  
Da firmeza de Sua Alteza  
vingam novos sonhos.

OS TRÊS – Nossos sonhos,  
nosso império,  
nosso novo povo  
faguelo,  
brasileiro!

JOSÉ BONIFÁCIO – Com liberdade a construir  
sobre a riqueza deste solo!  
Protegendo-o dos ladrões vis,  
que se querem sua matriz!  
Abolindo a escravidão,  
torpe, cruel e ineficaz  
a todo desenvolvimento!

D. PEDRO - Havemos de trazer a paz  
a todo o continente!

LEOPOLDINA - Diferente das repúblicas que se fazem  
no modismo inconsequente  
traremos de minha Europa madura  
a experiência de grande envergadura,  
a solidez da educação dada aos reis!  
E meu verdadeiro destino,  
com toque de sino matutino  
começa a aparecer no horizonte,  
ligado ao passado por sólida ponte !

JOSÉ BONIFÁCIO - Educação dada ao povo,  
branco, negro ou amarelo,  
para que o nosso futuro  
tenha o valor de nosso ouro!  
Distribuir nossas terras  
na agricultura em família!  
Tolerância na política  
como na religião!  
Proteger nossas florestas!  
Respeitar os nosso índios!

- D. PEDRO - Precisamos pensar na política que faça nascer este império!
- JOSÉ BONIFÁCIO - - Precisamos ter conosco as províncias. Que todas queiram de vez desligar-se do reino português. Que aqui não aconteça a tola divisão da América espanhola.
- LEOPOLDINA - Que meu amado príncipe, que já pacificou as Minas Gerais, corra agora a São Paulo, dando-lhe a graça da altíssima presença. E quem não dá logo apoio, tendo ao lado meu amado?
- JOSÉ BONIFÁCIO - Importante fazer ver a todo brasileiro seus direitos, dentro da monarquia liberal, uma Constituição ao nosso jeito e não imposta lá de Portugal!
- DOM PEDRO – Deixo aqui como interina a princesa Leopoldina.

*(Enquanto d. Pedro sai trotando como se estivesse a cavalo, entra a Escola de Samba Unidos dos Sambaquis liderada pelo Historiador:)*

HISTORIADOR – (Falando:) Vamos revendo o samba-enredo do ano passado de nossa Escola de Samba Unidos dos Sambaquis, que exaltava um Brasil que se mira grandiloquente, como em todos os tempos em que se prepara para ser independente política, social, economicamente... E quantas vezes isto já ocorreu! Dança-se com orgulho um samba-exaltação, na crença que aqui tudo é grande como o território, verde esperançoso como a floresta natural, inteligente como a mestiçagem trazendo de cada povo sua melhor contribuição!

- ESCOLA DE SAMBA – Brasil! Brasil! Brasil! Brasil!  
Terra tão nobre e da missão!  
Tudo lhe é grande e promissor!  
Em se plantando tudo dá!  
E ainda somos como a flor  
de uma beleza em profusão.  
Gritamos forte a festejar:  
Brasil! Brasil! Brasil! Brasil!

*(Depois de desfilar, a escola vai se retirando, em exaltação, ficando em cena somente o Historiador)*

- HISTORIADOR - Cavalgando mata adentro,  
em São Paulo Pedro chega,  
conhecendo Domitila,  
irmã do alferes Francisco.

*(De um lado do palco, entra dom Pedro simulando cavalgar. Do outro lado Domitila, carregada numa cadeirinha por dois escravos)*

- DOM PEDRO – Meu alferes me pediu  
interceder por mecê  
no processo de divórcio  
do monstro que bate em mulher.  
Aqui me tens a teus pés  
a jurar minha vingança  
daquele que ousa ferir  
a bela que toca um Bragança.

DOMITILA (*Descendo da cadeirinha, e fazendo um gesto autoritário para os escravos saírem. Saem os escravos*) –

Se toquei em Vossa Alteza  
é porque vos tenho n'alma,  
sou vossa fiel escrava  
e vos dou minha beleza.

DOM PEDRO –

A ti terei,  
anjo na terra,  
teu rosto me revela  
tudo que há no eterno.

(*Abraçando-a:*) Em teu corpo me aprofundo.  
Eu vou viver nesse mundo!  
Sou fogo foguinho,  
sou teu demonião,  
Titila, me abra toda  
para entrar com meu facho!

DOMITILA –

Eu sempre vos esperei  
e serei vossa todinha.  
Faça o vosso nobre facho  
luz a brilhar meu caminho!

(*Os dois vão saindo abraçados, com uma melodia modinheira na orquestra. Entra Leopoldina, José Bonifácio, e Procuradores Gerais da Província do Brasil*)

JOSÉ BONIFÁCIO – (*Falando:*) Lida a ata que redigi desta sessão de 2 de setembro de 1822 do Conselho dos Procuradores-Gerais das Províncias do Brasil, presidida por Sua Alteza princesa Leopoldina, que declara a necessidade do Brasil separar-se de Portugal, peço que todos a assinem, aprovando-a.

LEOPOLDINA – (*Assinando a ata:*)

Assino e declaro altaneira  
necessária a separação  
desta imensa e nova nação  
de toda ganância estrangeira!

PROCURADORES – Aprovado!

Brasil separado! (*Repetem várias vezes*)

(*Blackout, enquanto todos saem de cena, ouvindo-se na orquestra, de forma exaltante, referências ao Hino da Independência de Dom Pedro. Voltando a iluminação normal, está no palco o Historiador*)

HISTORIADOR – (*Falando:*) Dia 7 de setembro de 1822. Ao lado do riacho do Ipiranga, nome indígena que previa a afirmação dos primitivos donos de todos os brasis, os deuses mirins, curumins, brincam de se fazerem donos do mundo, com toda a beligerância de que passaram para os seres humanos que eles, deuses, criaram.

(*Entram de um lado algumas crianças, os guerreiros Deuses Curumins, vestidos com camisas de variados times de futebol, como não integrando a cena, mas como uma alegoria fora do espaço e do tempo. Entra, no contexto do cenário, de outro lado dom Pedro, agachando-se num canto*)

DEUSES CURUMINS (*As crianças fazem uma roda no centro do palco, brincando de “Escravos de Jó”, ameaçando com uma faca o parceiro ao lado, alterando o da esquerda e o da direita, ao ritmo da música:*)

Escravos de Jó jogavam caxangá,  
tira, bota, deixa o Zé Guerreiro ficar.

(*Mudando o gesto, passam a simular uma disputa de faca, como uma luta de espada, com os dois vizinhos, conforme o ritmo do canto:*)

Guerreiros com guerreiros  
fazem zigue zigue zá.

(*Os Deuses Curumins guerreiros prosseguem neste jogo. Chega o Mensageiro, dirigindo-se a dom Pedro:*)

MENSAGEIRO (*Fazendo mesuras:*) – Trago cartas do Rio de Janeiro para Vossa Alteza, do excellentíssimo ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, e de Sua Alteza Real princesa Leopoldina (*Entrega as cartas a dom Pedro*)

(*Dom Pedro tira o lacre de uma das cartas, abrindo o envelope. Enquanto a lê, silencioso, a voz de Leopoldina é ouvida por um alto-falante, com o texto da carta, ficando o jogo dos Deuses Curumins congelado enquanto isto. Tudo para, em expectativa, no palco, podendo haver um leve trinado de caixa-clara, como no suspense de um número emocionante num circo, ópera ou cinema*)

VOZ DE LEOPOLDINA – (*Falando:*) Pedro, o Brasil está como um vulcão. As Cortes ordenaram vossa partida imediatamente, ameaçam-vos e humilham-vos. Meu coração de mulher e de esposa prevê desgraças se partirmos agora para Lisboa. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mais. O Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com vosso apoio ou sem o vosso apoio ele fará sua separação. (*Mais forte e com algum tema heroico na orquestra, sem cobrir sua voz:*) O pomo está maduro, colhe-o já senão apodrece.

DOM PEDRO – (*Levanta-se decidido. Arranca com força as fitas azul e branco de sua roupa, símbolos de Portugal. E, levantando a espada, no tema heroico antecipado pela orquestra, grita:*)  
Independência ou morte!

(*Dos bastidores ouve-se um coro ecoando, diversas vezes a mesma frase. E enquanto dom Pedro permanece, como uma estátua, com a espada levantada, o coro entra em cena, com roupas modernas, sempre cantando:*)

CORO - Fora o poder ditado tão distante  
de todo o povo triste em chão cativo.  
Troquemos para nosso governante  
alguém que esteja em nós num ente vivo.

Que o horizonte nos livre do ignorante  
possessivo negativo ao ser nativo.  
Dia raiante em mente renovante,  
tire-nos o tormento inquisitivo.

Fora o passado, fora o preconceito,  
Fora o furor estúpido e de dor.  
Não mais viver na canga sem direito.

Não mais a solidão, sem céu, sem cor.  
Venha-nos nova vida de outro jeito  
na liberdade dada pelo amor.

(*Os Curumins voltam a movimentar-se, agora de forma mais violenta em lutas de espada, como simbolizando a eterna rivalidade entre humanos, se ferindo e matando:*)

CURUMINS – (*Violentamente:*) Guerreiros com guerreiros  
fazem zigue zá.

DOM PEDRO (*Canta, com a melodia do Hino da Independência de sua autoria em justaposição com a cantiga dos Curumins, como se as duas melodias diferentes, uma de liberdade com admissão de morte guerreira e outra da guerra em si tivessem a mesma significação:*)

Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil!

(*Numa das repetições, os Curumins se calam, ficando apenas o canto de dom Pedro incompleto:*)

DOM PEDRO – Ou ficar a pátria livre...

CADA ELEMENTO DO CORO NUMA FRASE

- livre da opressão!
- livre da intolerância!
- livre de qualquer tipo de escravidão!

- livre do racismo!
- livre de toda desigualdade!
- livre da desigualdade social!

(Apontando os Curumins:)      Livre dos preconceitos a fazer das diferenças, guerras uns aos outros!

TODOS –      Livre para proteger as matas, os índios, os doentes!  
Livres como irmãos  
de uma grande Nação!!!

(Todos cercam dom Pedro, que abaixa a espada, e saem carregando-o, enquanto os Curumins, mudos, repetem seus gestos guerreiros, cansados. A orquestra fecha o ato).

### III ATO

(Historiador no centro, na frente da cortina fechada. Num dos lados extremos, toca um violonista)

HISTORIADOR – (Falando, com fundo de sons do violão:)

O príncipe dom Pedro tornou-se no imperador dom Pedro Primeiro, e o Brasil no único império das Américas. Imenso (Cantando a melodia do samba-exaltação:) Brasil! Brasil! Brasil! Brasil! Saudoso da Domitila que surgira nas vésperas dele criar esse império, manda buscá-la em São Paulo. E começa a passar mais tempo enfeitiçado com a amada que nas obrigações do palácio, esposa, filhos e nação.

(Abre-se a cortina, encontrando-se no palco dom Pedro, permanecendo o violonista no mesmo lugar, tendo ao fundo Domitila)

DOM PEDRO – (Cantando uma serenata, acompanhado pelo violonista)

Meu amor e meu encanto,  
eu lhe dou todo o universo  
que eu conquiste nesta vida.  
Com você eu voo e canto.  
Sem você vejo o reverso.  
Abra-me os braços, querida.

De meu império se espera  
muita amizade fiel.  
Penetro em seu cofre ardido,  
E nele mecê supera  
as voltas de um carrossel.  
Sou seu amigo bandido!

DOMITILA – (Enquanto vai saindo o violonista, tocando alguns acordes dissonantes:)

Se é meu o seu universo  
Não permito que prossiga  
namoros com raparigas.  
Ter filho com minha irmã  
foi um ato bem perverso!

DOM PEDRO –      Titila, nem sempre posso  
controlar meu sangue ardente.  
Mas aquilo que é só nosso  
é coisa bem diferente!

DOMITILA – Faça nosso, então, muita riqueza,  
para que eu não veja outra beleza  
que abraçá-lo em fogo, Demonão!  
(Sai o Violonista)  
(Dissimulando ternura:)  
Se é meu o seu universo,

me faça nobre,  
me faça rica!  
Me dê o título de marquesa!  
Ouça-me sempre que eu propuser  
nomes para os quadros da Nação!

DOM PEDRO – Eu nada nunca negarei  
A quem me dá tanto prazer.  
Sou seu e sempre o serei!  
Enquanto viver  
hei de amar vossa mercê!

(Enquanto os dois se abraçam, entra José Bonifácio)

JOSÉ BONIFÁCIO – (Apontando para o casal:)  
Vejam bem o que eu digo:  
o nosso imperador  
dá corda ao inimigo!

DOMITILA – (Desabrochando-se de dom Pedro e caminhando para a saída. Fazendo reverências, ironicamente:) Espero-vos, Majestade, na cama, para agarrarmo-nos ao pacto de fazer meu vosso universo! (Sai rindo)

DOM PEDRO – Mal posso esperar, Titila, terminar minhas obrigações do dia, e ir para mece com toda a demonice fogosa!

(Sai dom Pedro, do lado oposto à Domitila)

ÁRIA DE JOSÉ BONIFÁCIO

Enquanto a imperatriz  
escreve-lhe os discursos,  
preparando um percurso  
para um novo país,  
dom Pedro imperador  
apenas espera a hora  
de dar-se à aproveitadora!  
Se os mores do tempo permitissem  
da mulher ter primazia  
sobre as fraquezas dos homens,  
que imenso país seria,  
com muito melhor sina,  
o Brasil de dona Leopoldina!  
Se ela fosse ele...  
Ah, se ela fosse ele!

(Reentra dom Pedro)

DOM PEDRO – Preciso mesmo falar com Vossa Excelência.

JOSÉ BONIFÁCIO – (Curvando-se:) Majestade!

DOM PEDRO – Ainda me tratais por (*imitando a fala e o gesto de Bonifácio:*)  
“Majestade”,  
mas sempre vos opondes a meus atos!

JOSÉ BONIFÁCIO – Como vosso ministro  
tenho de analisar os fatos!  
Houve, de início, a concordância  
de aplicarmos meus planos  
para os novos anos  
deste imenso Brasil.

*(Projeções de gravuras e pinturas de época, com paisagens do Rio de Janeiro, seus costumes, escravos e seus donos, castigos, como os de Debret, Rugendas, etc.)*

Mas, tudo está igual  
à colônia imunda de Portugal!  
No Rio de Janeiro inteiro,  
se passo em Botafogo,  
na Glória, Morro do Castelo,  
no Paço Imperial,  
na rua Direita ou Rossio,  
no Cais do Valongo ou ao longo  
de toda e qualquer parte,  
vejo escravos acorrentados,  
açoitados como cavalos,  
um país sem escolas,  
sem respeito aos nossos índios,  
as florestas se acabando,  
tanta terra sem cultivo  
das famílias que há nela!

- DOM PEDRO – Bem sabeis, oh, Bonifácio,  
se termino a escravidão,  
desrespeito a propriedade  
que sustenta a sociedade.  
Tenho de ser realista.  
O país é escravista!  
E nisto sou bem moderno,  
sigo o país que governo!  
O ministro de meu sogro,  
Metternich, nos ensina  
em sua boa doutrina  
que se há de seguir o real,  
e não a política de sonho ou moral...
- JOSÉ BONIFÁCIO – Não se sai do fatalismo  
sem haver idealismo.
- DOM PEDRO – E vosmecê acredita  
na economia mais rica  
onde o rico abra mão  
de sua situação?  
Quando se tem o poder  
não se quer nada perder!
- JOSÉ BONIFÁCIO – Quando há mais educação  
pode-se bem refletir  
sobre o outro e sobre si,  
e vê-se que se é irmão!  
Não acredito, no entanto,  
na sociedade em conflito,  
pouco rico e muito aflito,  
resolver-se por encanto.  
Como não creio também  
em um governo onde alguém  
receba soma em dinheiro  
em troca de sugerir  
nomes e interferir  
junto ao cetro de seu companheiro.  
Desculpe, Majestade, mas se ventila  
que assim age uma certa Domitila...

*(Dom Pedro avança um passo ameaçador. Para, pensa, enquanto a música descreve tensão)*

DOM PEDRO – Dou-lhe as costas, Bonifácio,  
e isto não me é tão fácil...

(*Dom Pedro dá as costas para José Bonifácio, saindo de cena. José Bonifácio, após acenar com a mão em despedida, sai por outro lado. Entra o Historiador e Leopoldina, que senta-se diante de uma mesa, escrevendo*)

HISTORIADOR – Neste ponto Dom Pedro demitiu o ministério e José Bonifácio se tornou oposição. Acusa os corruptos e os defensores do absolutismo em seu jornal “O Tamoio”, nome dado em homenagem à histórica nação indígena que combatera os portugueses. Tudo isto em meio à criação de uma Constituição do Império do Brasil, grandemente idealizada por José Bonifácio, e que gerou a formação de dois grupos antagônicos. De um lado portugueses absolutistas, de outro liberais seguidores de Bonifácio. Em suas acusações mútuas atingiram o imperador. Mostrando seu lado autoritário, dom Pedro dissolveu a assembleia constituinte, e outorgou a Constituição elaborada a seu sabor. Por todas as brigas da época, Bonifácio foi exilado para a França, aonde passou seis anos. Já não está presente quando, em sua conturbada nona gravidez nos nove anos de Brasil, doente e cansada, a imperatriz Leopoldina já não consegue suportar calada os sofrimentos impostos por seu casamento.

LEOPOLDINA – (*Lendo a carta que acaba de redigir:*)

Minha adorada mana:  
No meio de sofrimentos,  
com deplorável saúde,  
não vos tornarei a ver,  
não poderei repetir  
que vos amava, adorava!  
Que me seja permitido  
fazer-vos ouvir o grito  
da vítima que reclama  
não vingança, mas socorro  
pelos filhos inocentes  
que ficarão no poder  
dos que me têm desgraçado!  
Há mais ou menos quatro anos  
meu querido esposo Pedro  
me tem deixado esquecida  
por um monstro sedutor.  
Chegou mesmo a maltratar-me  
na frente dessa pessoa.  
Muito teria a dizer,  
mas não consigo mais força  
para lembrar do atentado,  
que certamente há de ser  
a causa de minha morte!

(*Entra Dom Pedro*)

DOM PEDRO – A quem vós vos queixais, minha consorte?

LEOPOLDINA – Aos pássaros daqui e de outros céus.  
A esta terra adotada  
e à minha Viena amada.

DOM PEDRO – De que vós vos queixais, minha consorte?

LEOPOLDINA – Das tantas mentiras que ouvi,  
desde o Marquês de Marialva  
dizendo-me que éreis cientista  
e que aqui encontraria  
as riquezas de diamantes.  
Mas, nada disto é-me importante.  
Magoa-me ter vossa amante  
como minha primeira dama,

e em viagem me impordes  
a presença dela  
e de vossa filha com ela,  
fazendo-a marquesa de Santos  
e enchendo a família de títulos,  
vulgarizando valores do império,  
desprezando-me...

DOM PEDRO – Por que vós vos queixais somente agora?

LEOPOLDINA – Que vós tenhais muitas mulheres,  
eu nunca me queixei.  
Este mundo dos homens  
sei que é mesquinho, mal.  
Mas um monarca rebaixar-se  
à amante,  
pondo em perigo o império...

DOM PEDRO – Ainda que eu perca o império,  
a ela não renunciarei!

LEOPOLDINA – (Segurando a barriga:) Ai, meu Deus,  
a cabeça e o corpo me doem!

(Leopoldina desmaia. Música fúnebre. Entram dois padioleiros que colocam o corpo de Leopoldina na maca, e vão saindo de cena com ela, tudo enquanto chegam, vestidos de preto o HISTORIADOR, o COMPOSITOR, o LETRISTA e a CENÓGRAFA:)

HISTORIADOR – Caiu ferida a imperatriz Leopoldina,  
abortando o feto de um novo príncipe,  
abortando o país que desejava!  
Morre e fica a mágoa de uma pobre sinal!

CENÓGRAFA, COMPOSITOR, LETRISTA E HISTORIADOR –  
E nossa escola de samba  
sai com ritmo de luto.  
A noite invade-nos tudo.  
Triste, a nossa realidade.

(Desfila a Escola de Samba Unidos dos Sambaquis toda de preto, na caracterização do luto, e adereços também referentes à morte, cantando e dançando o Samba Fúnebre. No desfile há um carro alegórico com o destaque da professora Dina, a mesma cantora que representou Leopoldina na ópera, com uma coroa na cabeça e outros adornos que dão o toque carnavalesco. Ao lado do desfile pode ter alguém transmitindo-o, com câmara e microfone ao alto, para um canal de televisão)

SAMBA FÚNEBRE – O Brasil guarda seu luto  
por um sonho que passou,  
de sair do estado bruto,  
num novo mundo de amor.  
De ninguém mais ser escravo  
sem costumes dos entraves,  
todos vivendo no espaço  
de um orixá protetor.

Es corre tristeza e sangue  
da imperatriz Leopoldina,  
no sacrifício de um anjo  
entre usos do atraso e dor.  
E o país que ela queria  
se afirmando, se educando,  
prossegue em seus preconceitos.  
Luto do que ela sonhou.

*(Depois do desenvolvimento do desfile, a escola de samba sai. A professora Dina desce do carro alegórico. Uma jornalista vai em sua direção para entrevistá-la, a câmara de televisão filmando, o microfone se aproximando dela)*

JORNALISTA – *(Fala sem canto:) Vou entrevistar a líder comunitária professora Dina, destaque do desfile num carro alegórico. Representou dona Leopoldina, a homenageada pela Escola de Samba Unidos dos Sambaquis. (Para professora Dina:) Professora Dina, a senhora é conhecida por suas firmes críticas à nossa sociedade, aos preconceitos, à misoginia, às injustiças sociais, à violência das milícias. Elas, aliás, a perseguem, e até ameaçaram matá-la neste carro alegórico... Parabéns pela coragem! Esta foi a primeira vez a desfilar numa escola de samba, não? Como foi representar uma rainha, afinal, dentro da monarquia, sistema político contrário às suas convicções?*

LEOPOLDINA –

Eu me vejo voltar de longe,  
de onde vêm alguns outros sambas  
desfilar leis, novos governos,  
sem nada, no fundo, mudar.

Sinto-me sendo a Leopoldina.  
Sofro, na verdade, a mesma sina!  
Não importa o regime ou lado  
se o sonho é nele maltratado.

Vergonha, atraso e maldade,  
o regime da chibata,  
continuado diverso  
na insistência dessas terras.  
Os homens tudo tolhendo,  
as mulheres só submissas,  
os pobres das ruas tristes...  
Como pode tanto sol,  
tanto mar embriagado,  
com lares desabrigados?

O povo passa sem ler,  
nada aprendendo do mundo,  
apenas curvado à longa  
herança de minha mágoa,  
eu, frustrada Leopoldina.  
A repetição dos erros,  
uns poucos donos da vida  
no comando, nos matando.

*(Chegando-se à frente da cena, abrindo os braços, para o público)*

Mas, o tempo chegará!  
Tudo se mexe em mudança  
no grande país mestiço.  
Renasce em mim a esperança!

*(Professora Dina permanece estática de braços abertos em frente ao público, enquanto dos bastidores se ouve um coro repetindo sua última quadra, mudando para a forma coletiva)*

CORO *(dos bastidores, entrando em cena:)*

Mas, o tempo chegará!  
Tudo se mexe em mudança  
no grande país mestiço.  
Renasce em nós a esperança!

FIM DO LIBRETO DA ÓPERA LEOPOLDINA